

Casa Tato 4 - 2021  
Curadoria de Rejane Cintrão  
#2021

*Before you cross the street  
Take my hand  
Life is what happens to you  
While you're busy making other plans*  
John Lennon, *Beautiful Boy (Darling Boy)*, 1980

A arte reflete seu tempo. Ela permite que possamos, por um instante, parar, pensar e repensar nós mesmos, o mundo, os outros, a vida. Conviver com artistas é ainda mais incrível. Essa oportunidade me foi dada nos últimos seis meses de um ano muito difícil para todos, com 12 artistas. Várias oportunidades. De conhecer pessoas novas, de estar em contato com produções artísticas que não conhecia e de aprender muito. Cada artista tem uma história, uma pesquisa, um desenvolvimento diferente e, se nós, espectadores, estivermos abertos a vivenciar um pouco dessas histórias, um mundo de possibilidades se abre. Essa é a força da arte.

A exposição *Casa Tato 4 - #2021* é a segunda etapa do projeto que foi realizado este ano a convite da Casa Tato, com os mesmos artistas (que se tornaram amigos queridos), e o resultado desses encontros, trocas e aprendizados.

Esta etapa da Casa Tato 4 acontece em um espaço singular, desenhado nos anos 60 por ninguém menos que Rino Levi. Outra oportunidade que a vida trouxe. A casa, projetada em vários níveis, generosa em espaço e luz natural, me levou a pensar em um projeto dividido em quatro partes: a primeira delas, inspirada na obra MA, de Claudia Kiatake, convida o espectador a parar, pensar e contemplar os trabalhos, com tempo e dedicação. Quase como uma meditação. Esta sala dá início e fim à exposição, já que o espectador tem que fazer o mesmo percurso de volta. Nela, encontramos as fotografias de Rose Aguiar, realizadas a partir de muita pesquisa e observação em reflexos na água dos rios, das piscinas, nas ruas, na cozinha de sua casa; os *cianótipos* de Andrea Bracher, que nos convidam a voar como borboletas por meio de uma técnica resgatada do século XIX e muita pesquisa acadêmica; o cão solitário e “meditativo” retratado na bela pintura de Vera Toledo; e a tela de um azul inimaginável, que só um artista alquimista como Fabio Benetti conseguiria obter. Momento para reflexão: MA.

A segunda parte da exposição foi inspirada na arquitetura moderna da casa, muito presente nesta área onde janelas, escadas e diferentes níveis convivem harmonicamente. Os trabalhos quase monocromáticos e matéricos de

Benetti nos introduzem a esta sala de vocação moderna, mas com uma pegada muito contemporânea. Nela, encontramos as gravuras de Marcos Pereira de Almeida, formas inspiradas nas ruas e sinais de comunicação utilizados na cidade de São Paulo, resultado de uma pesquisa de vários anos com materiais urbanos como o asfalto e a borracha reciclada. Também de inspiração urbana, as pinturas de Pedro Hórak podem ser vistas, neste contexto, como uma crítica bem humorada ao modernismo e aos símbolos e signos adotados como meio de comunicação por empresas e poderes nas urbes modernas e contemporâneas e, porque não, na forma como a arte moderna era divulgada nas exposições mundo afora na primeira metade do século XX.

O corredor que dá para a quarta sala, e que é o terceiro ambiente desta exposição, reúne diversas telas de Vera Toledo, onde nos deparamos com lindas paisagens e objetos do cotidiano retratados em pinturas de matizes modernos, mas com temas extremamente atuais, envolvendo solidão e distanciamento, e nos introduzindo à quarta sala desta mostra, onde se encontram trabalhos que nos levam a refletir sobre o que tem sido discutido tanto nas redes sociais e nas mídias, quanto em muitos espaços artísticos, como a Bienal de São Paulo, por exemplo. O isolamento, os territórios criados pelos poderes políticos e econômicos, a importância da inclusão na sociedade contemporânea, o desabamento de nossas instituições culturais, e um enorme ponto de interrogação sobre nosso futuro.

Nesta sala, as séries *Negócio da China* e *Novos e Velhos Clichês para a arte contemporânea*, da artista Cristina Suzuki, trazem para discussão territórios, propriedade e, como o título sugere, diversos clichês adotados pela sociedade moderna para definir padrões sociais.

O artista, grafiteiro, pichador e professor Otávio Fabro, assim como Pedro Hórak e Marcos Pereira de Almeida, trabalha com signos, símbolos e materiais utilizados na construção de grandes cidades. Suas esculturas são realizadas com brita, asfalto, ferro, madeira e fogo. O tríptico (dês) fazer, de 2106/2017, localizado na parede de acesso à sala, anuncia a série de incêndios e desmantelamento de diversas instituições de arte e da história brasileira, fatos que vêm ocorrendo sistematicamente desde o incêndio do MAM, no Rio de Janeiro, em 1978, até o último incêndio ocorrido na Cinemateca de São Paulo, em julho deste ano, entre os quais tivemos os incêndios do Museu da Língua Portuguesa, do Museu Nacional do Rio de Janeiro, o desabamento do teto do Museu Paulista, e tantos outros. Será que conseguiremos mudar este triste fim de nossas instituições?

As pinturas em óleo e cera de abelha de Kika Goldstein, resultado de uma pesquisa cromática que vem sendo realizada há anos, revelam cores inspiradas nos infinitos tons de pele humana, assim como nas cores utilizadas nos mapas onde aprendemos as divisões de países, estados e cidades, territórios definidos pelos poderes políticos, religiosos e econômicos.

Já as pinturas de Lúcia Rosa, artista que também exerce a profissão de educadora, como muitos outros nesta exposição, são belos estudos de cor que a

artista realiza, utilizando os mais variados materiais pintados por meio de pincéis e dos próprios dedos da artista. Estes são os únicos trabalhos da exposição onde a figura humana aparece representada por linhas que se fundem com as pinceladas.

As fotografias de espaços arquitetônicos modernos e contemporâneos vazios, com sobreposições de imagens de ossos humanos, fruto de uma ampla pesquisa de imagens da artista Sandra Gonçalves, são uma reflexão sobre o momento que o mundo vive.

Não são tempos fáceis, os que estamos vivendo. Entretanto, estes fatos são os que a vida está nos oferecendo agora. O que vamos fazer para mudá-los? A vida está passando diante de nós, de maneira cada vez mais rápida. Ficaremos encapsulados nas redes sociais implorando por mais likes e seguidores, enquanto a vida acontece? O que diria John Lennon se estivesse vivo hoje?

Rejane Cintrão, 2021